

/// É urgente também repensar o modelo agrícola do país, insustentável do ponto de vista hídrico

A maior crise hídrica da história e o café

A crise hídrica que vivemos hoje no Espírito Santo tem repercussão direta sobre a cultura do café. Motor da economia capixaba ao longo de anos, o mercado de café vive uma quebra de safra histórica com queda profunda na qualidade do produto pela segunda vez consecutiva como consequência da maior estiagem já vivida no Estado.

A safra de 2017 já está comprometida e a expectativa de dias melhores, se as

condições climáticas forem favoráveis e cada ator envolvido fizer a sua parte, chega a 2019.

A crise que se faz mais grave e impactante hoje é a hídrica, por isso é fundamental investir no uso racional da água. São necessárias construções de barragens, açudes, caixas secas para captação e melhor aproveitamento da água da chuva, com uma política pública de construção e manutenção permanente.

É urgente também repensar o modelo agrícola do país, insustentável do ponto de vista hídrico. A produção de alimentos não pode levar à escassez dos recursos hídricos, como hoje se vê.

A tecnologia deve ser usada para otimizar processos e deter o desperdício. Há de se pensar na irrigação de forma mais eficiente, substituindo, por exemplo, sistemas de aspersão por gotejamento. No caso da café, a planta demanda cerca de cinco litros de água por dia no inverno e 16 litros no verão para ter pleno desenvolvimento. Na aspersão, gasta-se 85% a mais do que é necessário se comparado ao gotejamento, que ainda permite a utilização de sistemas que distribuem o fertilizante junto com a água.

Ainda do ponto de vista tecnológico, há de se pensar também na pesquisa genética para viabilizar variedades de café mais resistentes às oscilações climáticas

Dessa forma, é preciso atuar em duas frentes: capacitação e capitalização do produtor, que vive um momento difícil diante dos resultados registrados. Faz-se necessário democratizar o acesso à tecnologia e também rever carências e prazos de pagamento.

Vale ressaltar que somos o maior produtor de conilon do Brasil, gerando cerca de 400 mil empregos diretos e indiretos em todo o arranjo produtivo da cafeicultura do Estado. Significa dizer que temos diante de nós um desafio de extrema importância.